



Semiótica Peirceana: método de análise em pesquisa qualitativa

Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias

Universidade do Extremo Sul Catarinense

Universidade do Vale do Itajaí

bianca@unesb.net

Resumo

Embora a Semiótica seja discutida desde as origens do pensamento filosófico e tenha transitado nas ciências médicas, naturais, humanas e no campo da comunicação, somente mais recentemente passou a ser também utilizada como método em outras ciências, em função do interesse pelo papel da linguagem, verbal e não verbal. A Semiótica moderna tem base em duas propostas teóricas: I – linguista Saussure, na Europa, batizou sua ciência de Semiologia, a qual tinha por base conceitos dicotomizados com foco na linguagem verbal; II – filósofo Charles Peirce, na América do Norte, fundou a ciência de todos os signos, pautada nas três categorias universais: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade e suas relações triádicas, focalizando as linguagens verbal e não-verbal. Neste ensaio buscamos contextualizar a Semiótica no tempo e espaço até da proposta de Peirce acerca das categorias fenomenológicas universais e apresentar a possibilidade de a Semiótica peirceana ser utilizada como método de pesquisa qualitativa.

Palavras-Chave: Semiótica; Categorias Peirceanas; Pesquisa Qualitativa.

Abstract

Although semiotics has been discussed since the beginning of philosophical thought and has transitioned forward into not only medical, natural, and human sciences, in addition to the field of communication, it has only recently started to be used as a method in other sciences. This is due to the interest in the important role of both verbal and nonverbal language. Modern semiotics is based on two theoretical proposals: First- linguist Saussure in Europe, who developed the science of semiology based on dichotomized concepts and focused on verbal language; and secondly, North American philosopher Charles Peirce who founded the science of all signs based



on the three universal categories of Firstness, Secondness, Thirdness, and their triadic relations, while also focusing on verbal and nonverbal language. This essay aims to contextualize Peircean Semiotics in time and space until that which is proposed by Peirce, concerning the universal phenomenological categories, is presented as a possible qualitative research method.

Keywords: Semiotics; Pierce's Categories; Qualitative Research.

Resumen

Aunque la semiótica se discute desde el principio del pensamiento filosófico y se llevó adelante en la ciencia médica, natural, humano y el campo de la comunicación, recientemente comenzó a ser también utilizado como un método en otras ciencias, debido al interés en el papel de la lengua, verbal y no verbal. La semiótica moderna se basa en dos propuestas teóricas: I - lingüista Saussure, en Europa, nombrado su ciencia de la semiología, que se basaba en conceptos dicotomizadas centrados en lenguaje verbal; II - filósofo Charles Peirce, en América del Norte, fundada la ciencia de todos los signos, basándose en las tres categorías universales: Primeridad, Secundad y Terceridad y sus relaciones triádicas, centrándose en lenguajes verbales y no verbales. En este ensayo, tratamos de contextualizar Semiótica en el tiempo y el espacio en la propuesta de Peirce acerca de las categorías fenomenológicas universales y presentar la posibilidad de la semiótica de Peirce puede utilizar como un método de investigación cualitativa.

Palabras Clave: Semiótica; Categorías Peirceanas; Investigación cualitativa.

1. Introdução

Há um crescimento no interesse pelo papel da linguagem, verbal e não verbal, em diversas áreas do conhecimento, consequentemente aumenta também a busca por métodos que consigam de alguma forma atender essa demanda, sobretudo por uma proposta abstrata que dê conta da pluralidade de fenômenos a serem investigados.

Carontini e Peraya (1979), Epstein (1991) e Walther-Bense (2000) contam que, desde Platão, Aristóteles e Sócrates, já se falava em Semiótica por meio de outros termos, a saber: doutrina dos signos, teoria dos signos, arte dos signos, estudiosos dos signos, signos, lógica e dialética – cuja preocupação era saber se as palavras nomeiam as coisas seguindo um acordo natural ou os nomes são convenções arbitrárias.



Todorov (1972), Epstein (1991), Santaella (1989; 1996), Nöth (1995), Walther-Bense (2000) e Merrell (2012) esclarecem que o termo Semiótica foi introduzido, no fim do século XVII, por John Locke, referindo-se aos estudos dos signos para o entendimento das coisas. Desde o século XIX, dois filósofos da Rússia revolucionária, Viesselovski e Potiebniá, intentavam estudar a Semiótica de modo a abarcar a produção cultural. Confirmam também que, no início do século XX, dois pesquisadores, nas ciências humanas, estudaram o signo: I – o linguista Saussure, na Europa, batizou sua ciência de Semiologia, a qual tinha por base conceitos dicotomizados tais como: significante/significado, denotação/conotação, língua/palavra, paradigma/sintagma com foco na linguagem verbal. O linguística percebeu a necessidade de sua existência e de que deveria englobar a linguística, em específico a linguagem verbal, considerando a arbitrariedade do signo. II – o filósofo Charles Peirce, na América do Norte, fundava a ciência de todos os signos, com o objetivo de estudar no discurso cotidiano tudo que pode atribuir um significado a algo, como prática significante. Peirce se dedicou desde as ciências naturais e exatas, físicas e psíquicas, mas, sobretudo, a lógica. Ao longo de quarenta anos de trabalho, construiu sua Semiótica pautada em três categorias universais: Primeiridade, Secundidade e Terceiridade e relações tríadicas: do signo com ele mesmo; do signo com relação ao seu objeto, do signo com seu interpretante.

A construção filosófica da Semiótica, como ciência, explica Santaella (1989), deu-se, por sua vez, no âmbito das ciências da descoberta, especificamente da matemática e da Ideoscopia (ou ciências especiais). Peirce empregou o termo phaneroscopia (fenomenologia) por volta de 1902, embora ele já aparecesse em seus estudos desde 1867, quando o autor apresentou originalmente a sua teoria das categorias, a qual ficou completa em 1897. Em 1902, tiveram-se, então, as chamadas categorias fenomenológicas que passam a ser a base geral para a teoria lógica de Peirce (Braga, 1999; Queiroz, 2007; Santaella, 1989; 1996; 2006).

Peirce rompeu com a dicotomia significante/significado introduzida por Saussure e inclui um terceiro elemento: interpretante. Na análise de Chappeel (1999), em comparação com Saussure, Peirce forneceu uma teoria dos signos muito mais útil, porque propôs as categorias universais e colocou em foco a pragmática. Merrell (2012) diz que uma das diferenças entre os dois estudiosos é que a teoria de Peirce abrange todos os signos possíveis sem distinção. Esclarece ainda que, somente em 1945, Peirce foi reconhecido como o fundador da moderna teoria dos signos.

Neste ensaio, buscamos focalizar a reflexão acerca da Semiótica de Peirce como método de análise em pesquisa qualitativa. Sem a pretensão de esgotar os temas,



iniciamos pelo conceito de signo, as categorias e tricotomias peirceanas, e a Semiótica como método de análise em pesquisa qualitativa.

2. Signo

Peirce definiu signo (ou representamen) como qualquer coisa que leve a outra que faz referência a um objeto ao qual ela mesma se refere de modo idêntico, transformando-se em interpretante, por sua vez, em signo, e assim sucessivamente. Nesse processo, dar-se-á a semiose – Eco (2005) chama de semiose ilimitada.

Na definição de Eco (1991), o signo é um sinal emitido para haver comunicação entre os interlocutores. Simões e Martins (2004) e Grandim (2009) ratificaram: será signo tudo aquilo que for possível ser interpretado, produzindo um interpretante, transformando assim um signo em um signo.

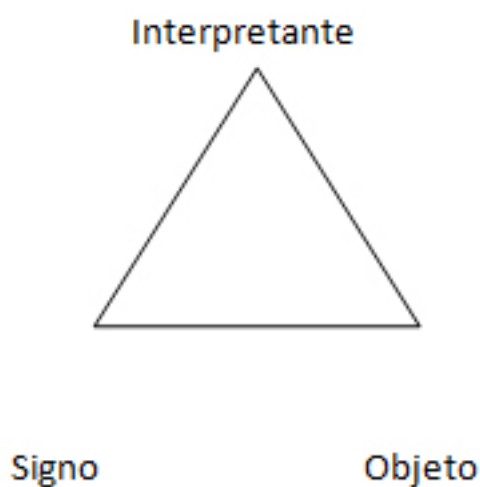
Santaella (1989; 2000) e Walther-Bense (2000) explanam que, para ser signo, tem que ter o poder de representar ou substituir outra coisa diferente dele, já que o signo não é o objeto, é apenas a representação dele na mente de seu interprete – processo relacional mental, não estando relacionado diretamente ao objeto que substitui.

Santaella (2002) e Merrell (2012) enfatizam ao dizer que o signo, para Peirce, é trinário, já que ele pode ser analisado: em si mesmo, em sua referência, e nos efeitos que produz em seus receptores.

A Figura 1 “tradicionalmente” representa o triângulo semiótico, no entanto Merrell (2012) argumenta que essa representação não é genuinamente triádica em função de nela estar representada três relações binárias – Interpretante/signo, interpretante/objeto e signo/objeto – e propõe a Figura 2 como modelo legitimamente peirceano do signo, no qual cada componente do signo é enlaçado aos outros dois.



Figura 1: Triângulo semiótico



Fonte: Pignatari (2004, p. 48)

Figura 2: Modelo peirceano do signo



Fonte: Merrell (2012, p. 83)



3. Categorias Peirceanas

Peirce buscou elaborar sua doutrina de categorias fenomenológicas universais, a qual possibilitaria estudar os fenômenos por meio de concepções simples e universais, que, de tão simples e completas, pudessem ser aplicadas a qualquer assunto. As categorias aristotélicas focalizavam mais a linguística, os estágios hegelianos eram mais particulares e materiais, mas, ainda que a proposta do autor apresente certas similaridades com os estágios de Hegel, Peirce, no entender de Santaella (1989; 2000), dizia que seu estudo fora construído por meio das categorias Kantianas. O autor entendia que Kant havia sido o primeiro a observar a existência das distinções tripartidas (ou tricotômicas).

A teoria de Peirce – exaustivamente validada em diversas áreas do conhecimento: lógica, psicologia, fisiologia, física, entre outras – é de que tudo que aparece à consciência são contempladas em uma gradação de três categorias universais: Qualidade, Relação e Representação (posteriormente chamada de Mediação).

Na Primeiridade, trata-se de perceber a consciência tal como ela é em determinado momento, é a consciência imediata, corresponde ao acaso, a variação espontânea, é o sentir puro. Trata-se das possibilidades e qualidades.

Na Secundidade, é a consciência reagindo em relação a uma realidade cotidiana, é a ação e reação a fatos concretos, conflito, surpresa, dúvida, é a materialização da qualidade. É a percepção da realidade em que interagimos.

Terceiridade é a camada da inteligibilidade por meio da qual interpretamos o mundo, aproximação ou junção das duas primeiras categorias em uma síntese intelectual. Trata-se do pensamento em signos, do crescimento contínuo, da mediação ou processo. Queiroz (2007) complementa: primeiridade – apresentação do signo; secundidade – representação do signo; e terceiridade – poder interpretativo do signo. Merrell (2012) sintetiza: primieridade é qualidade, possibilidade; secundidade é efeito, é atualidade; terceiridade é processo, é potencialidade ou necessidade.

4. Tricotomias Peirceanas e suas relações

Não há a pretensão de esgotar o assunto acerca das tricotomias, portanto focalizaremos, aqui, as três dimensões mais exploradas por Peirce: I – é o signo em si mesmo, uma mera qualidade, algo concreto ou lei geral. Romanini (2006) complementa dizendo que se trata do caráter presentativo do signo, como ele se



apresenta ao intérprete; II – é a relação existencial do signo com o objeto, trata-se do caráter representativo do signo, como ele representa seu objeto; III – interpretativo, representação do interpretante com o signo, efeito que signo produzirá na mente do interpretante. Na Figura 3, apresentamos as relações entre os nove tipos de signos.

Figura 3: Interdependências, interações e inter-relações

Categorias/ Tricotomias	Relação do signo com ele mesmo – constituição do signo	Relação do signo com seu objeto	Relação do signo com seu interpretante
Primeiridade	quali-signo (uma qualidade) - um sentimento anterior a consciência, impressão, sensação sem qualquer referência a outra coisa.	ícone – representação do signo com objeto pela semelhança.	rema – signo de possibilidade qualitativa.
Secundidade	sin-signo (um existente) – inicia a consciência, as inter-relações: um signo particular.	índice – o signo se refere ao seu objeto por meio de alguma conexão natural, existencial.	dicente – signo de existência real.
Terceiridade	legi-signo (uma lei) – signo padrão de convenção.	símbolo – a relação se dá de acordo com uma convenção (regra, lei).	argumento – signo interpretado como um signo de lei.

Fonte: Elaborado a partir Santaella (2002), Queiroz (2007) e Merrell (2012)

Na relação do signo com ele mesmo, o quali-signo refere-se à pura realidade sem representar nenhum objeto; sin-signo – Walther-Bense (2000) compreende que significa o signo singular, individual, único – é qualquer coisa material, fato; o legi-signo é todo tipo a natureza das leis, regras ou hábitos, convenções.

O ícone – na relação do signo com seu objeto – será o signo na sua relação com o objeto por similaridade esclarece Santaella (2002), é a possibilidade do efeito de impressão que pode produzir aos nossos sentidos, em outras palavras: há uma relação qualitativa entre o ícone e seu referente, já que ele apresenta uma ou



várias qualidades do objeto ao qual faz referência; índice é tudo que indica uma outra coisa com a qual está relacionado desde que uma mente interpretadora estabeleça a conexão pretendida, existencial; símbolo seu fundamento é um legi-signo. Merrell (2012) esclarece que os ícones se assemelham aos objetos a que se referem, já a relação do signo com os índices se dá por meio de alguma conexão natural, enquanto que com os símbolos se dá por uma convenção cultural.

Acerca da relação do signo com seu interpretante, rema é uma conjectura ou hipótese, no máximo um nível de raciocínio, e poderá propiciar uma informação. Epstein (1991) diz que os remas não nos oportunizam uma decisão, eles apenas despertam emoções e estados de ânimo. Dicente - Walther-Bense (2000) afirma que significa dizer ou enunciar, determina um juízo ou uma ação do intérprete, e argumento deve ser um símbolo, um legi-signo, conceitos. Queiroz (2007) complementa dizendo que o argumento se trata de um signo interpretado como signo de lei.

5. Semiótica como método de pesquisa qualitativa

No entender de Morris (1976), Pignatari (2004) e Simões (2004), a Semiótica permite que a linguagem seja geral e aplicável a qualquer signo, e por isso aplicável à linguagem da ciência e aos signos específicos que são usados na ciência, já que ela possibilita a pesquisa por meio da leitura do mundo verbal e não verbal.

A Semiótica pode ser utilizada como instrumento e como método de investigação científica de outras ciências, uma vez que nada pode ser investigado sem signos (Morris, 1976; Carontini e Peraya, 1979, Fidalgo, 1999; Santaella, 1989, 2000, 2002, 2006). No dizer de Simões (2004), por meio da Semiótica, a análise linguística ganha espaços interdisciplinares.

Focalizando os principais estudiosos brasileiros, cuja base seja a Semiótica peirceana, deparamo-nos com publicações de Haroldo de Campos e Décio Pignatari – que vincularam Semiótica a Literatura; pesquisadores que utilizam a Semiótica para entender os fenômenos da comunicação: Irene Machado, João Queiroz e, com destaque, para Lúcia Santaella – que estuda Semiótica peirceana desde a década de 70; e Simões que remodelou a forma de ensinar leitura e produção de textos, utilizando a Semiótica como método, operando com signos verbais e não-verbais.

Santaella (2002, p. 29) propõe que, em uma análise semiótica, devemos “[...] abrir as portas do espírito e olhar para os fenômenos.”, primeiramente com um olhar



contemplativo, depois observacional e, por fim, desenvolvendo a capacidade de generalização.

Mesmo que incipiente e sem a pretensão de padronizar as investigações particulares, apresentamos algumas considerações acerca dos aspectos metodológico-técnicos para o uso das categorias semióticas peirceanas, na análise de textos verbais ou não verbais em sua totalidade, conforme demonstrado na Figura 4.

Figura 4: Procedimentos de análise semiótica

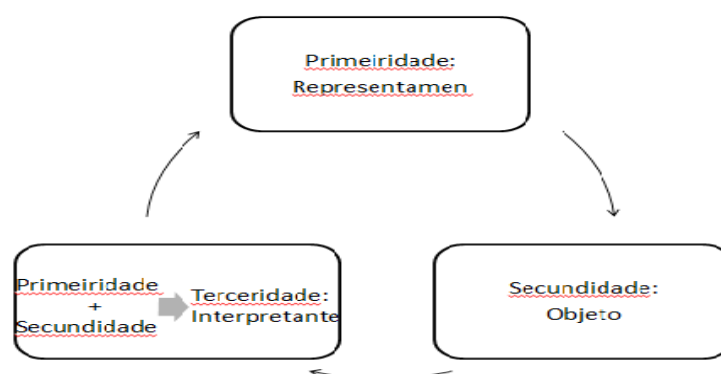
Categorias	Procedimentos de análise
Primeiridade	Trata-se do primeiro contato com o texto verbal e ou não-verbal. A primeira percepção do interpretante com relação ao signo, sem fazer nenhum vínculo dele com seu objeto. O leitor deverá ter a sua “primeira impressão”, uma abstração.
Secundidade	É a reação do interpretante frente à percepção da qualidade já a relacionando. O leitor fará a inter-relação e integração com seu objeto.
Terceiridade	Dar-se-á o significado ao signo conforme a sua inter-relação com o seu objeto.

Fonte: Elaborado a partir de Santaella (2002) e Merrell (2012)

A taxonomia triádica, portanto, apresenta-se: na primeiridade, por meio de seu representamen (signo), a consciência/experiência imediata tal como ela, não há organização, é o sentir puro, espontâneo, sem inter-relação com outra coisa; na secundidade, relação marcada pela reação/conflito diante do que a consciência imediata reconhece da materialização da qualidade. Nela, a nossa consciência supõe o que é, algo existente, trata-se do signo e seu objeto; e, na terceiridade, necessitamos co-relacionar representamen, objeto e interpretante conforme ilustra a Figura 5. Trata-se do processo de mediação interpretativa, signo de generalidade.



Figura 5: Co-relação das categorias



Fonte: Elaborado a partir de Santaella (1989, 2000, 2002, 2006) e Merrell (2012)

Portanto, no fluxo da semióse, buscamos relacionar: I – o signo como o percebemos, desvinculado, interdependente de seu objeto; II – o signo com o objeto que se inter-relaciona; III – o signo na mediação com seu interpretante.

6. Considerações finais

Percebemos que a Semiótica de Peirce traz sustentação teórica para as diretrizes metodológicas das propostas particulares que surgem com o propósito de analisar a linguagem independentemente da área de conhecimento. No entanto, ao buscar textos com resultados empíricos, verificamos que a Semiótica mais recorrentemente mencionada é a de base susseriana em detrimento da peirceana, provavelmente pelo fato de ter sido mais tardio o reconhecimento de Peirce.

Finalizando, está claro que o viés interdisciplinar facilitado pela Semiótica, independentemente da área do conhecimento, traz maior dinamismo tanto para a aprendizagem quanto para a construção do conhecimento. “[...] cremos que examinar algo numa perspectiva Semiótica consiste em reeducar-se a percepção do mundo; redirecionar a capacidade de captação dos signos e significações resultantes da interação do homem com seu mundo e com o mundo que o cerca.” (Simões, 2004, p, 35).



Referências

- Braga, M.L.S. (1999). As três categorias peirceanas e os três registros lacanianos, *Psicol. USP*, vol.10, n.2, São Paulo.
- Carontini, E.; & Peraya, D. (1979). O projeto semiótico: elementos de Semiótica geral. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Cultrix, 134p.
- Chappell, B. (1999). Folklore Semiotic: Charles Peirce and the Experience of Signs, *Folklore Forum*, 30: 112.
- Eco, U. (2005). Tratado geral de semiótica. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 282p.
- Eco, U. (1991). Semiótica e Filosofia da linguagem. São Paulo: Ed. Ática, 304 p.
- Epstein, I. (1991). O signo (4ª Edição). São Paulo: Atlas, 80p.
- Fidalgo, A. (1999). Semiótica Geral. Covilhã- Portugal: Universidade da Beira Interior.
- Grandim, D. (2009). Universos Dialógicos em Peirce. Covilhã- Portugal: Universidade da Beira Interior.
- Morris, C.W. (1976). Foundations of the theory of signs. Tradução de Paulo Alcoforado e Milton José Pinto. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 92p.
- Nöth, W. (1995). Panorama da semiótica. De Platão a Peirce. São Paulo: Annablume.
- Peirce, C.S. (2000). The Collected Papeers of Charles Sanders Peirce (3ª Edição). Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 337p.
- Pignatari, D. (2004). Semiótica e literatura (6ª Edição). Cotia, SP: Ateliê, 195p.
- Queiroz, J. (2007). Classificações de signos de C.S.Perice – de 'on the logico f science' ao 'syllabus of certain topics of logic', *Trans/Form/Ação*, São Paulo, n. 30, v. 2, p. 179-195.
- Romanini, A. V. (2006). Semiótica minuta: especulações sobre a gramática dos signos e da comunicação a partir da obra de Charles S. Peirce. 246f. Tese de doutorado Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo.
- Santaella, L. (1989). O que é Semiótica (7ª Edição). São Paulo: Brasiliense, 114p.
- Santaella, L. (2000). A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira, p. 153.
- Santaella, L. (2002). Semiótica aplicada. São Paulo: Cengage Learning, 2002.
- Santaella, L. (2006). Matrizes da linguagem e pensamento - sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia (3ª Edição). São Paulo: Iluminuras – FAPESC, 427p.



- Simões, D. (2001). Semiótica na comunicação linguística: um instrumental indispensável. Comunicação em mesa-redonda no V Fórum de Estudos Linguísticos da UERJ.
- Simões, D. (2004). Leitura, compreensão de textos e aprendizagem: uma abordagem Semiótica. In: Simões, D. Estudos semióticos: Papéis avulsos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 32-40p.
- Todorov, T. (1972). Perspectivas semiológicas. In: TODOROV, T. et al. Semiologia e Linguística. Tradução de Lígia Maria Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, p.26-36.
- Walther-Bense, E. (2000). A Teoria geral dos signos: introdução aos fundamentos da Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 128p.